

Teresa Pavão

Uma artífice à antiga

Atrás da Sé de Lisboa há uma antiga padaria que em vez de pão vende peças únicas de cerâmica e têxteis. É uma loja de autor e ao mesmo tempo um atelier, com a assinatura de Teresa Segurado Pavão. A artista, à beira dos 50, gosta de dar uma segunda da vida a artefactos abandonados ou velharias através de barro branco.

POR GISA MARTINHO

Pode não parecer à primeira vista, mas entre o ofício de padeiro e a arte de um oleiro existe bastante em comum. Um e outro começam por amassar, depois dar forma e acabam por cozer o produto final, seja ele um pão saloio ou uma peça de autor. Com estas coincidências em mente até porque trabalha apenas em barro branco da mesma cor da farinha, Teresa Pavão apaixonou-se por uma antiga padaria no Bairro da Sé há pouco mais de um ano e decidiu dar a este espaço uma segunda vida. De certa forma, Teresa Pavão foi pioneira nesta zona histórica da cidade, uma vez que a maioria das lojas de autor estavam no outro lado da colina. “O Bairro Alto está muito massificado”, diz. As coisas abandonadas são uma das fontes de inspiração desta mulher que nasceu na capital lisboeta, em Novembro de 1957. Se a padaria inspira ainda as suas malas de senhora – que parecem os velhos sacos de pão portugueses com cordões –, a maioria das suas peças de cerâmica tanto pode ter origem numa ferragem ferrugenta apanhada do chão, como em tampas de vidro órfãs de garrafas ou em velhos botões descobertos na Feira da Lada. Simples velharias que depois de moldadas no barro ou colocadas numa peça têxtil ganham um novo valor e ficam acessíveis apenas a pessoas com poder de compra. Teresa Pavão diz que entre os turistas, que por ali passam no roteiro quase obrigatório do Castelo de São Jorge, aparecem muitos asiáticos, atraídos pelo espaço de fusão entre o mármore e vidro da antiga padaria e pelas peças minimalistas, com um toque oriental, da artista. O Japão foi, aliás, um dos países onde Teresa Pavão expôs o seu trabalho em 1993. Sempre em exposições colectivas, a artista participou em mais dois eventos na Alemanha (1991 e 1992) e também na Trienal de Tapeçaria na Polónia. Para este ano, Teresa Pavão tem agendada uma exposição na Pousada de Guimarães, em Maio, e outra em Setembro, no Convento dos Cardais, em Lisboa.

Depois de ter tirado um curso na Escola António Arroio, outro no IADE e de ter frequentado Desenho, Pintura e Joalheria na Ar.Co, Teresa Pavão dá agora aulas de cerâmica e tapeçaria. Ainda não tem nenhum aprendiz, a não ser o filho de 14 anos, que de vez em quando lhe faz companhia no atelier. Casada e com dois filhos, a artista nunca passou grandes temporadas fora de Portugal, mas as constantes viagens ao exterior fazem dela uma colecionadora compulsiva de tecidos. “Tenho vários caixotes em casa”, lembra, com um sorriso que ilumina os olhos azuis claros.

A loja de Teresa Pavão, situada ao fundo do Beco das Costas Quebradas, permite-lhe agora fazer um pouco de tudo o que sempre gostou na vida: no atelier produz as peças únicas com as quais decora, depois, a ex-vitrina do pão. A parte de cenografia foi uma das principais actividades de Teresa Pavão durante anos, que assinou as montras de lojas como a Migacho, Teresa Alecrim e a joalheria Luísa de Brito. “A loja não é uma prisão”, diz a artista, que sublinha não cumprir um horário comercial, mas sim um horário de atelier. Os clientes habituais sabem disso e antes de aparecer na loja costumam ligar para o telemóvel que Teresa Pavão distribui à discrição. “É um conceito de venda à antiga”, comenta a artista que se afirma alérgica à parte comercial. ●



foto: Victor Wladislaw